



sala preta  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v22i2p2-5

## EDITORIAL

Corpo editorial  
Revista Sala Preta



CAPES

Obra financiada com recursos  
CAPES/PROEX do PPGAC/USP



## Editorial

Desde 2022, a *Revista Sala Preta* vem trabalhando intensamente no restabelecimento de suas publicações, interrompidas em 2021. Agora, publicando este segundo número de 2023, começamos a ver novamente uma revista em pleno funcionamento. Celebramos esse momento com um número composto apenas de artigos enviados no processo de fluxo contínuo – sem orientação ou limite temático. Os oito textos, advindos de diversos campos das artes cênicas, são importantes contribuições para debates urgentes da contemporaneidade, sobretudo no que diz respeito às artes da cena e à pedagogia em um contexto brasileiro.

Iniciamos esta publicação com o artigo “Docentes com licenciatura em teatro na Educação Básica: dados quantitativos de 2022 das escolas públicas no Brasil”, de Tiago Cruvinel e Túlio Fernandes Silveira, que analisa o Censo Escolar da Educação Básica de 2022 e discute as diferenças entre os resultados sobre os professores de teatro e de outras áreas do conhecimento, colocando em foco um tema relevante para a formação de licenciados em Artes Cênicas. Fundamentado em dados precisos e até agora pouco conhecidos, os autores trazem à tona um diagnóstico sobre o tema que clama por um posicionamento efetivo por parte das universidades públicas que oferecem tais licenciaturas.

Também discutindo o campo do ensino das artes cênicas, em “Desnortando referências: pensamentos (pós)/(des)/(de)colonial na formação do artista da cena”, Mariana Conde Rhormens Lopes apresenta um apanhado da revisão sobre ideias e teorias decoloniais – em seus diversos termos. Essa discussão é vista em aplicação nos currículos universitários de formação dos artistas da cena, destacando as proposições de novas maneiras de construção de conhecimento alinhadas a categorias ancestrais e originárias, vistas como formas de desnortear: subverter o domínio das histórias e saberes do Norte Global.

Já o artigo “Shakespeare transmitido: repensando o significado da performance ao vivo”, de Paulo da Silva Gregório, problematiza o status do evento teatral como uma experiência de caráter exclusivamente presencial a partir de formas novas e provocativas na relação com o espectador oportunizadas por

transmissões ao vivo, que o autor analisa a partir das peças de Shakespeare do National Theatre e da Royal Shakespeare Company. Nessas formas, observa-se como os elementos das linguagens em jogo operam e reconfiguram a participação espectral esperada do fenômeno teatral.

O artigo “A vitória das coristas francesas contra a diretoria do Teatro de São Pedro de Alcântara (1850-1853)”, de Luiz Costa-Lima Neto, descreve o processo judicial de duas coristas francesas de comédia *vaudeville* contra José Bernardino de Sá, traficante de pessoas escravizadas e administrador do Teatro de São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro. Traça uma reflexão sobre a circulação de ideias e comportamentos movimentados pelo teatro musical francês em confronto com as tradições patriarcais e escravagistas no Brasil, na segunda metade do século XIX. Apresenta, ao fim, a comédia que resultou desse acontecimento, destacando a discussão sobre as práticas sociais da época.

Também no campo da historiografia do teatro, em “Modernidades teatrais no Brasil: circulação de ideias e práticas modernas entre grupos amadores e crítica teatral natalenses nos anos 1940-1960”, Monize Moura apresenta detalhes sobre a transformação da cena teatral amadora natalense em um debate com críticas teatrais publicadas em três periódicos. Ao perceber os caminhos do modernismo no teatro em Natal, a autora identifica a conexão da cena teatral da capital do Rio Grande do Norte com as cenas de outras capitais brasileiras.

Em “A travessia do deserto”, Artur Sartori Kon analisa detalhadamente a peça *Pornoteobrasil*, do Tablado de Arruar. Dialogando com pensadores como José Fernando Azevedo e criando paralelos com a obra do dramaturgo Heiner Müller, o autor associa o trabalho de Alexandra Dal Farra a um teatro político contemporâneo pós-brechtiano, propondo uma reflexão sobre a transformação do mundo no campo do impossível.

Ainda no âmbito da cena contemporânea, o artigo “Dramaturgia e corpocidade: poéticas do olhar e processos criativos”, dos autores Felisberto Sabino da Costa e Luana Sevarolli Assis, propõe considerar a experiência urbana como agenciadora de dramaturgias, articulando a vivência do corpo livre na cidade à criação de dramaturgias transmutantes.

Por fim, concluímos este volume com “Exu contra o messianismo: crítica de Esperando Godot no fim do mundo”, de Rafael Marino, uma exegese da peça encenada pelo Teatro Oficina em 2022. Na crítica, o autor localiza a encenação brasileira em seu tempo histórico e demonstra a subversão epistêmica realizada pela direção de José Celso Martinez Corrêa. O texto, publicado pouco depois da morte de Zé Celso, apresenta reflexões caras ao trabalho do encenador, não nos deixando esquecer da importante contribuição desse artista para a cena teatral brasileira.

Corpo editorial *Revista Sala Preta*

Alessandra Montagner, Henrique Rochelle, Lucienne Guedes, Marcos Bulhões, Sofia Boito, Suzana Schmidt Viganó e Verônica Veloso.